

ABORDAGENS TEÓRICAS E PRÁTICAS EM PESQUISA

COORDENADORES

Patricia Biegging

Raul Inácio Busaello

ISBN 978-85-7221-347-9

2025

Elvio Carlos da Costa

Andréia Osti

REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORES/AS HOMOSSEXUAIS NO ENSINO SUPERIOR:

DESAFIOS, EXPERIÊNCIAS, CONTRIBUIÇÕES
E ESTRATÉGIAS DE ATUAÇÃO DOCENTE

*REPRESENTATIONS OF HOMOSEXUAL
TEACHERS IN HIGHER EDUCATION:*

*CHALLENGES, EXPERIENCES, CONTRIBUTIONS
AND STRATEGIES OF TEACHING PERFORMANCE*

RESUMO

O presente estudo se dedicou a realizar uma investigação sobre a temática da homossexualidade do/a professor/a, visando identificar os desafios, experiências, contribuições e estratégias que esses/as professores/as enfrentam em sua atuação docente no ambiente acadêmico do ensino superior. Essa temática surge como interesse de pesquisa uma vez que há uma escassez de estudos que abordem sobre os/as professores/as autodeclarados/as homossexuais. Destaca-se ainda que a inserção do/a professor/a homossexual no espaço educacional como indivíduo, ser humano e sobretudo profissional, é importante e necessário. Sendo assim, este trabalho parte da hipótese de que a inclusão e a diversidade no ambiente acadêmico são essenciais para promover um ambiente educacional mais plural e representativo. Diante disso, o objetivo geral deste trabalho é investigar junto a um grupo de dez professores/as do ensino superior autodeclarados homossexuais sobre os desafios, experiências, contribuições e estratégias de atuação docente. Os objetivos específicos se desdobram em: 1) levantar os desafios vivenciados por professores/as homossexuais no ambiente do ensino superior; 2) explorar as experiências, contribuições, perspectivas e vivências desses/as professores/as no contexto acadêmico; 3) identificar estratégias de atuação docente e políticas que possam promover a inclusão e o respeito à diversidade sexual no ambiente do ensino superior. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e descritiva. Realizou-se uma revisão bibliográfica e adicionalmente foi aplicado um questionário via *Google Forms* composto por dez questões abertas, a fim de levantar de forma livre as representações de professores/as que se autodeclararam homossexuais e que atuam no ensino superior, tanto de faculdades e universidades particulares e públicas de âmbito nacional, ou seja oportunizando obter representações de professores/as homossexuais de todo o Brasil e, sobretudo que atuam nas mais diferentes áreas do conhecimento. Essa pesquisa contribuiu para uma compreensão mais aprofundada dos desafios enfrentados pelos/as professores/as homossexuais no ensino superior, fornecendo *insights* para o desenvolvimento de estratégias institucionais que promovam a diversidade e inclusão no ambiente acadêmico. Destaca também a urgência de que instituições de ensino superior implementem políticas mais robustas e efetivas que reconheçam e valorizem a diversidade sexual. As contribuições dos professores/as homossexuais, longe de serem meramente pessoais, constituem um importante patrimônio que pode enriquecer a educação superior, promovendo um espaço em que a diversidade não apenas é respeitada, mas celebrada.

Palavras-chave: Ensino Superior. Representações. Homossexualidade. LGBTQIA+. Professor/a Homossexual.

ABSTRACT

The present study was dedicated to carrying out a qualitative investigation on the theme of the teacher's homosexuality, aiming to identify the challenges, experiences, contributions and strategies that these teachers face in their teaching performance in the academic environment of higher education. This theme emerges as a research interest since there is a scarcity of studies that address self-declared homosexual teachers. It is also highlighted that the insertion of the homosexual teacher in the educational space as an individual, human being and above all professional, is important and necessary. Thus, this work is based on the hypothesis that inclusion and diversity in the academic environment are essential to promote a more plural and representative educational environment. Therefore, the general objective of this work is to investigate with a group of ten self-declared homosexual higher education professors about the challenges, experiences, contributions and strategies of teaching performance. And the specific objectives unfold into: 1) raise the challenges experienced by homosexual teachers in the higher education environment; 2) to explore the experiences, contributions, perspectives and experiences of these teachers in the academic context; 3) to identify strategies for teaching and policies that can promote inclusion and respect for sexual diversity in the higher education environment. This is a qualitative and descriptive research. A bibliographic research was carried out and additionally a survey research was applied through a questionnaire via Google Forms composed of ten open questions, in order to freely raise the representations of professors who self-declare homosexual and who work in higher education, both from private and public colleges and universities nationwide, that is, providing opportunities to obtain representations of homosexual teachers from all over Brazil and, above all, who work in the most different areas of knowledge. This research contributed to a deeper understanding of the challenges faced by gay teachers in higher education, providing insights for the development of institutional strategies that promote diversity and inclusion in the academic environment. It also highlights the urgency for higher education institutions to implement more robust and effective policies that recognize and value sexual diversity. The contributions of homosexual teachers, far from being merely personal, constitute an important heritage that can enrich higher education, promoting a space in which diversity is not only respected, but celebrated.

Keywords: Higher Education. Representations. Homosexuality. LGBTQIA+. Homosexual Teacher.

1 INTRODUÇÃO

A diversidade sexual no ambiente acadêmico é um tema que vem ganhando destaque nas últimas décadas, refletindo uma sociedade em transformação que busca reconhecer e valorizar a pluralidade de identidades. Neste contexto, os/as professores/as autodeclarados homossexuais desempenham um papel crucial, não apenas como educadores, mas também como agentes de mudança social. No ensino superior, espaço em que se fomenta a formação de cidadãos críticos e conscientes, a presença desses profissionais oferece uma oportunidade ímpar para discutir e desafiar normativas sociais tradicionais, contribuindo para um ambiente mais inclusivo e representativo.

Entretanto, os/as docentes homossexuais frequentemente enfrentam desafios significativos, que vão desde a discriminação velada até a falta de políticas institucionais que promovam a equidade e a inclusão. As experiências vividas por esses profissionais, muitas vezes permeadas por preconceitos e estigmas, influenciam não apenas sua atuação pedagógica, mas também a forma como interagem com alunos/as e colegas, possibilitando um ambiente de ensino que pode ser, ao mesmo tempo, desafiador e enriquecedor.

Além de enfrentarem esses obstáculos, os/as professores/as homossexuais trazem contribuições valiosas para o ensino superior. Suas vivências pessoais e profissionais oferecem perspectivas únicas que podem enriquecer o currículo, fomentar discussões sobre diversidade e promover uma cultura de respeito e aceitação. As estratégias de atuação docente que eles/elas desenvolvem, muitas vezes baseadas em experiências de superação, são fundamentais para a construção de um ambiente educacional que não apenas reconhece, mas celebra a diversidade.

Dessa forma, este artigo busca explorar as representações dos/as professores/as homossexuais no ensino superior, analisando

os desafios enfrentados, as experiências vividas, as contribuições oferecidas e as estratégias de atuação docente que esses profissionais implementam. Através de uma abordagem qualitativa, pretende-se fornecer uma visão abrangente e crítica sobre o papel desses educadores na construção de um ambiente acadêmico mais inclusivo e igualitário, ressaltando a importância da diversidade na formação de futuras gerações.

Assim, metodologicamente, realizou-se uma revisão bibliográfica e adicionalmente foi aplicada uma pesquisa de levantamento através de um questionário via *Google Forms* composto por dez questões abertas, a fim de levantar de forma livre as representações de professores/as que se autodeclaram homossexuais e que atuam no ensino superior, tanto de faculdades e universidades particulares e públicas de âmbito nacional, ou seja oportunizando obter representações de professores/as homossexuais de todo o Brasil e, sobretudo que atuam nas mais diferentes áreas do conhecimento.

Diante desse contexto, o objetivo geral deste trabalho é investigar junto a um grupo de dez professores/as do ensino superior autodeclarados homossexuais sobre os desafios, experiências, contribuições e estratégias de atuação docente. Os objetivos específicos se desdobram em: 1) levantar os desafios vivenciados por professores/as homossexuais no ambiente do ensino superior; 2) explorar as experiências, contribuições, perspectivas e vivências desses/as professores/as no contexto acadêmico; e por fim, 3) identificar estratégias de atuação docente e políticas que possam promover a inclusão e o respeito à diversidade sexual no ambiente do ensino superior.

O estudo foi estruturado inicialmente pela introdução do trabalho, posteriormente o referencial teórico baseado na literatura acerca do tema, homossexualidade docente, em seguida foi contextualizado a metodologia utilizada pela pesquisa e foram apresentados os resultados e discussões frutos das representações coletadas por meio da aplicação do questionário e por fim, as considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 HOMOSSEXUALIDADE DOCENTE NO CONTEXTO ACADÊMICO

Este estudo buscou aprofundar uma temática que tem sido intensa e polêmica nos espaços que permeiam a educação escolar, os processos pedagógicos e as ações docentes. No entanto, debater questões que envolvem gênero, sexualidade, orientação afetivo sexual e diversidade sexual no ambiente acadêmico se tornaram um desafio na atualidade. Assim, esta pesquisa parte do levantamento de representações de professores/as autodeclarados sujeitos LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis/ Transexuais, Queers, Intersexos e Assexuados +) que lecionam no Ensino Superior. A escolha por esse recorte deu-se por considerar que a temática acerca da sexualidade humana vem sendo debatida e estudada por profissionais de diversas áreas do conhecimento, em especial na seara educacional (Louro, 2014).

É notório que as pessoas que fogem da heteronormatividade padrão imposta pela sociedade de uma forma geral, estão cada vez mais visíveis, ganhando representatividade, ocupando diferentes espaços e funções, sobretudo no ambiente acadêmico, atuando como professores/as no ensino superior em diferentes faculdades e universidades.

Todavia, dentro deste contexto específico, na perspectiva de Costa (2021) há professores/as homossexuais que atuam nas escolas e que cotidianamente enfrentam preconceitos e discriminações advindos de alunos, pais, colegas professores/as e direção escolar, em virtude da sua orientação sexual. No Brasil, a intolerância, a discriminação e a intensidade das práticas homofóbicas e heterossexistas presentes nos ambientes acadêmicos são alarmantes, isto porque segundo pesquisas realizadas pela Organização das

Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2009) apontam para o alto grau de rejeição à homossexualidade na comunidade escolar.

Ainda nessa direção, a Pesquisa Nacional Sobre o Ambiente Educacional no Brasil (ABGLT, 2016) mostra que 63% dos estudantes sentem-se inseguros de estar dentro da escola, 55% já ouviram comentários pejorativos contra pessoas transgênero (travestis e transexuais) e 73% já sofreram agressões verbais relacionadas à sua orientação sexual. Tais representações sociais vão de encontro com a perspectiva de Gonçalves e Gonçalves (2022) quando afirmam que as pessoas são norteadas apenas pelas identidades masculinas e femininas tidas como padrão na sociedade, cujas mesmas garantem um *status* de normalidade. Portanto, tudo que se opõe a essa concepção considerada 'normal' torna-se 'anormal'.

Dessa forma, é importante ressaltar que mesmo quando o Estado propõe políticas públicas com a finalidade de promover uma educação igualitária de qualidade social para todos/as, incluindo a população LGBTQIA+ há indícios de que essas políticas não estão sendo efetivadas, tampouco garantindo que tal população exerça sua cidadania de forma geral, especialmente no âmbito educacional.

Diante disso, a inserção do/a professor/a homossexual no espaço educacional como indivíduo, ser humano e sobretudo profissional, é importante e necessário. Em relação a isso, Costa (2021) destaca que a presença desse/a profissional pode ser observada em vários setores das instituições de ensino, pois existem diversos indivíduos nesta condição exercendo sua profissão no campo educacional.

Neste sentido, verifica-se que existem alguns estudos nacionais e internacionais que abarcam questões relacionados à homossexualidade docente no ambiente escolar, porém focando especificamente no ensino infantil, fundamental e médio. Percebe-se uma escassez de trabalhos que dão ênfase na homossexualidade do/a professor/a do ensino superior. Corroborando com essa dificuldade de encontrar

trabalhos com essa temática específica, Biazus e Brancher (2019) e D´avila (2022) afirmam que são poucas as pesquisas que investigam a perspectiva de docentes LGBTQIA+ e, com isso, entende-se a igual importância de pesquisas que dão luz para compreender melhor os desafios, experiências, estratégias e contribuições dos/as professores/as homossexuais no ensino superior.

Para entender a insegurança do/a professor/a em assumir sua homossexualidade no ambiente escolar, Lasser, Ryser e Price (2010) e Marshal (2018) consideram que decidir revelar a identidade sexual no ambiente de trabalho é uma questão particular de cada indivíduo, pois tal decisão, poderá acarretar-lhe consequências negativas, tais como: sofrer homofobia, estigma social e estereótipos (Elliot, 2003). Essas consequências são claramente demarcadas na profissão docente e quando professores/as transitam pelas fronteiras das sexualidades e dos gêneros, estranhamentos, conflitos, tensões e redescobertas, reestruturações e desafios podem emergir no contexto acadêmico, desencadeando avanços ou retrocessos no processo de construção da diversidade humana.

Ainda nessa perspectiva, Louro (2013); Marshal (2018) e Costa (2021) elucidam que muitos/as professores/as homossexuais apresentam comportamentos e atitudes profissionais dentro do ambiente escolar pautados na insegurança e até mesmo no medo de se assumir 'homossexual'; fator este, que possivelmente pode interferir na autoestima do/a professor/a, já que muitos preferem o silêncio ao enfrentamento do preconceito. Mas, diante de tantos desafios o/a professor/a encontra na sua profissão o prazer da troca que lhe é permitida, assumindo assim o papel de mediador, desenvolvendo uma sensibilidade íntegra dentro do espaço em que atua (Costa; Osti, 2023).

Um estudo realizado por Mott (2011) revela que é "normal" o estudante ter um colega homossexual, por outro lado, quando se trata do/a professor/a ser homossexual, foge dessa "normalidade".

Mediante essa situação, muitos professores/as preferem omitir sua orientação sexual, a fim de evitar problemas de diferentes naturezas, tais como: retaliações e/ou possíveis constrangimentos no ambiente escolar, inclusive muitos têm medo de se assumir e serem demitidos ou terem sua carreira prejudicada.

Ainda nessa direção, Mott (2011) aponta que casos de perseguições contra professores/as homossexuais são mais comuns do que se imagina. Corroborando com tal situação, uma pesquisa da *Teacher Support Network*, realizada em 2006, constatou que dois terços dos/as professores/as homossexuais haviam passado por discriminação ou assédio moral no trabalho devido à sua orientação sexual. Ressalta-se que para 81% daqueles que sofreram discriminação de qualquer espécie, 46% dizem ter sofrido tal violência por colegas, 33% por dirigentes e 21% por alunos/as. Outro estudo que apresenta dados similares, é o de Molina (2013) que realiza uma discussão referente à problemática da vivência diária do/a professor/a homossexual frente à Instituição Escolar, e sobretudo acerca dos preconceitos que estes/as professores/as sofrem dentro do ambiente acadêmico.

Considerando que a escola/faculdade/universidade é o ambiente de trabalho dos/as professores/as, na visão de Costa (2021) aqueles que se assumem homossexuais enfrentam cotidianamente as dificuldades supracitadas. Nesse contexto, Louro (2019) enfatiza que o ambiente escolar é um espaço complicado e difícil para uma pessoa se “assumir” homossexual. A autora ainda verbaliza que quando os/as professores/as homossexuais exercem a criticidade por meio de seu protagonismo, conseqüentemente, contribuem para a formação crítica dos/as alunos/as, e passam a ser vistos pela sociedade sob o prisma da “anormalidade”. Dessa forma, quando alguém da escola, seja aluno/a ou professor/a, decide “assumir” sua identidade homossexual, certamente, são alvos de ações negativas por parte da comunidade escolar.

Com base nisso, segundo Costa e Osti (2023) que muitos/as professores/as homossexuais, silenciam sua orientação sexual,

tanto no âmbito familiar quanto no profissional, enclausurando-se no que é denominado de "armário". Tal conceito, de acordo com Seidman (2002) foi cunhado após a segunda Guerra Mundial, durante o movimento de higienização moral empreendido pelos americanos. Além do mais, o autor esclarece que o termo "armário" se trata de uma metáfora que centraliza a tensão dual nas relações sociais destas pessoas, tornando-se parte do imaginário coletivo sobre homossexualidade.

Na perspectiva de Seidman (2002) essa concepção instrumentaliza o conhecimento popular e científico, pois as vidas de muitas pessoas homossexuais estão organizadas numa dinâmica dicotômica, de segredos e revelações, mentiras e verdades, visibilidades e ocultamentos. O autor, também, argumenta que o armário é central na constituição da subjetividade de indivíduos homossexuais, influenciando diretamente em seus processos de sociabilização, pois estabelece um estado de isolamento em função de sentimentos, tais como: medo e vergonha.

Complementando a ideia de "armário", Miskolci (2014) apresenta a terminologia "*coming out*", referindo-se ao processo de uma pessoa assumir-se homossexual nos diferentes ambientes sociais em que faz parte. E, ainda, o autor, faz uma contundente crítica direcionada à concepção de "armário" de Sedgwick (2007), em que o indivíduo homossexual não deve assumir sua orientação sexual em nenhum aspecto, principalmente, no ambiente profissional.

Sendo assim, Miskolci (2014) se posiciona e adverte o seguinte: viver no armário é levar a vida em uma condição de segredo, pois o sujeito está sempre em eminência de ameaça e exposição indesejada. Portanto, o "armário" representa um regime que determina 'como', 'quando' e 'qual' homossexualidade é enunciada e, sobretudo como 'quem' pode fazê-lo, configurando as negociações para a existência (re)velada das pessoas homossexuais, denominada por Miskolci (2014) de 'visibilidade.'

Na mesma linha de raciocínio, Vieira e Lage (2017) defendem que a visibilidade é essencial para a reconstrução da homossexualidade enquanto identidade, portanto é legítima e deve ser expressada, pois alertam que a sociedade precisa romper com a crença de que ser homossexual é sinônimo de inferioridade. Semelhantemente a essa percepção, Rofes (2007) e França (2016) corroboram ser fundamental que os/as professores/as homossexuais assumam sua identidade no espaço escolar e em sua vida particular, argumentando que nesse ambiente é que são estabelecidos os diálogos e relacionamentos profissionais, bem como cotidianamente negociam com a instituição de ensino, ao assumir-se homossexual.

Conforme os resultados da pesquisa apresentados por Gonçalves e Gonçalves (2022) a possibilidade de a presença de um/a professor/a homossexual no espaço escolar como uma forma de visibilidade desta sexualidade, para além das construções discriminatórias e estigmatizadas da sociedade, a qual pode corroborar com a compreensão da construção da pluralidade dos conceitos de gênero e sexualidade

Tal visibilidade dos/as professores/as homossexuais também é estudada e discutida por Franco (2015), alegando que a presença desses/as professores/as no ambiente acadêmico provoca questionamentos com relação às restrições para se discutir a diversidade sexual e de gênero dentro da escola/faculdade/universidade. Baseado nisso, Louro (2019) exterioriza que à medida que a instituição escolar se tornou um espaço de formação privilegiada no início dos tempos modernos, não somente os/as alunos/as foram o foco de observação e disciplina, mas também os/as professores/as. Assim, a figura do mestre, do religioso, do masculino, ganha representatividade em relação ao gênero da docência, sendo que os/as professores/as seguiam rigorosamente instruções de ordem religiosa, além de serem moldados integralmente sob regras e condutas que regulavam seus gestos, seu modo de andar, de falar e de olhar.

De certa forma, na percepção de Louro (2019) essas representações construídas ao longo da história permanecem vigentes até os dias de hoje, pois estruturam os papéis a serem exercidos socialmente por homens e mulheres na docência. Ou seja, a imagem do professor, como jesuíta, está diretamente relacionada à autoridade e ao conhecimento, enquanto o da professora, refere-se à submissão, ao cuidado, à maternidade e ao ensino e a aprendizagem, em especial de crianças. Diante disso, a autora destaca que o/a professor/a homossexual ao exercer a profissão docente, não se desvincula das marcas da sexualidade e do gênero inscritas em seu corpo, por essa e outras razões, que os conflitos relacionados à sexualidade e gênero são desencadeados no ambiente escolar.

No que concerne à interação do/a professor/a homossexual com a instituição acadêmica, Molina (2023), Santana (2017) e Oliveira (2018) mostram os desafios e barreiras que esses/as profissionais vivenciam diariamente dentro do ambiente escolar, sendo que o pressuposto inicial é que estes/as professores/as vêm sofrendo discriminação e preconceito devido à sua orientação sexual. Mesmo tendo a formação acadêmica necessária para atuação docente, os/as professores/as autodeclarados homossexuais enfrentam obstáculos em suas funções e práticas pedagógicas. Tais preconceitos, também foram diagnosticados por Ramos (2011) e Costa (2021) ao apresentarem dois questionamentos: o primeiro exige que o/a professor/a homossexual demonstre a todo momento sua competência profissional para o exercício da função docente, embora tal exigência seja para todos, percebe-se que para as pessoas homossexuais tais cobranças são maiores e constantes; e o segundo esses/as professores/as devem “provar” que não irão abusar sexualmente dos/as alunos/as, simplesmente em virtude de sua orientação sexual.

Com base no exposto, percebe-se que os/as professores/as que se autodeclararam homossexuais no seu ambiente acadêmico de trabalho, estão expostos a serem vítimas de preconceito, muitas vezes de forma velada, seja por meio de comentários, piadas, brincadeiras

de mau gosto relacionadas ao estereótipo e/ou estigma social. Tal dilema, ocorre em todos os níveis de ensino, desde o ensino infantil até o superior. Dessa forma, conforme Costa e Osti (2023) os/as professores/as homossexuais devem ser representados da mesma forma que qualquer outro profissional, com respeito, dignidade e reconhecimento de suas habilidades e competências profissionais, sem discriminação com base na orientação sexual. A diversidade na educação é importante para criar ambientes inclusivos e promover o respeito à diversidade sexual.

Sendo assim, o presente estudo partiu da hipótese de que a inclusão e a diversidade no ambiente acadêmico são essenciais para promover um ambiente educacional mais plural e representativo. Diante disso, essa pesquisa propõe a explorar a situação da inclusão de professores/as homossexuais no ensino superior, analisando os desafios, experiências, impactos e estratégias para garantir um ambiente inclusivo e respeitoso para esses/as profissionais.

Para isso, este trabalho embasa-se na Teoria das Representações Sociais (TRS) que apresenta como premissa, que o conhecimento do senso comum de determinado grupo de indivíduos acerca de um objeto pode contribuir para a compreensão do cenário sobre sexualidade e gênero na atualidade, especialmente o mote desta pesquisa que é sobre a homossexualidade do/a professor/a. As Representações Sociais (RS) na perspectiva de Jodelet (2001, p. 22) “é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. No entanto, esta forma de conhecimento advinda do senso comum é diferente do conhecimento científico, e ainda assim deve ser legitimada por sua relevância no cotidiano social, uma vez que pode responder como se desenvolvem os processos cognitivos e as interações sociais.

Nessa perspectiva Moscovici (2013) enfatiza sobre a ativa participação das pessoas e grupos na construção contínua de suas

próprias representações e soluções para os desafios que enfrentam. E, o autor ainda acrescenta que em diferentes cenários sociais, as pessoas não apenas absorvem informações, mas também as interpretam, discutem e criam suas próprias interpretações, que influenciam diretamente suas ações, relações e escolhas. Diante disso, nos leva a crer que professores/as e alunos/as, são também participantes dessa estrutura que apreendem, constroem, reelaboram e transmitem representações.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta seção apresenta os caminhos metodológicos percorridos para o desenvolvimento da investigação. No que tange a natureza do trabalho, caracteriza-se como pesquisa qualitativa e descritiva, que de acordo com Sampieri, Collado e Lucio (2006) tal método é eficaz para obter as representações dos professores/as autodeclarados homossexuais que atuam no ensino superior sobre os desafios, experiências, contribuições e estratégias de atuação docente.

Para tanto, a revisão bibliográfica foi direcionada para artigos que constam no banco de dados do Scientific Electronic Library OnLine (SciELO) e do Google Scholar (Google Acadêmico), selecionando apenas trabalhos publicados sobre a temática que abarca homossexualidade do/a professor/a que atua no ensino superior.

3.1 PARTICIPANTES

Os participantes desta pesquisa foram dez professores/as que se autodeclararam homossexuais e que atuam no ensino superior, tanto de faculdades e universidades particulares e públicas de âmbito nacional, ou seja, oportunizando obter representações

de professores/as homossexuais de todo o Brasil e, sobretudo que atuam nas mais diferentes áreas do conhecimento.

3.1.1 Características demográficas dos participantes

Nesta subseção são apresentados os dados relativos as características demográficas do grupo investigado, tal como descrito na Tabela 01.

Tabela 01 - Dados demográficos dos participantes

	Categorias	Número (n)	Percentual (%)
Idade:	30 a 40 anos	06	60
	41 a 50 anos	04	40
Sexo:	Feminino	02	20
	Masculino	08	80
Orientação Sexual:	Homossexual	10	100
Cor de Pele:	Branca	09	90
	Parda	01	10
Religião:	Católica	05	50
	Umbandista / Espírita	01	10
	Budista	01	10
	Preceitos de diferentes origens	01	10
	Não tenho religião	02	20
TOTAL		10	100

Fonte: Dados da Pesquisa - Elaborado pelos autores.

A Tabela 01 descreve que as idades dos participantes variam entre 30 e 50 anos. Em relação ao sexo, 20% são do sexo feminino e 80% são masculinos. Já no que tange à orientação sexual, os 100% participantes se autodeclaram homossexuais, conforme um dos critérios de inclusão para participar da pesquisa. Quanto à cor de pele, segundo a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e

Estatística (IBGE), 90% dos participantes são brancos e apenas 10% são pardos. No que concerne à religião, a maioria é católico, ou seja, 50% pessoas, destacando que 20% participantes declaram não possuir nenhuma religião, 10% participantes dizem seguir o budismo, e outros 10% a umbanda e o espiritismo ao mesmo tempo. Destaca-se que 10% respondentes afirmam seguir preceitos de diferentes origens, portanto não classificam especificamente uma religião.

Tabela 02 - Dados de formação acadêmica e tempo de atuação dos participantes

	Categorias	Número (n)	Percentual (%)
Formação Inicial: Graduação/ Licenciatura	Administração Pública	01	10
	Ciências Biológicas / Letras / Pedagogia	01	10
	Ciências Sociais / Sociologia /	01	10
	Pedagogia Ciências Sociais /	01	10
	Jornalismo	01	10
	Engenharia Civil	02	20
	Farmácia	01	10
	Letras - Português e Inglês	01	10
Tempo de profissão docente no Ensino Superior	Marketing / Administração /	01	10
	01 01 a 06 a 06 anos	01	10
	07 a 12 anos	07	70
	13 a 18 anos	01	10
Atua em Faculdade / Universidade	Acima de 18 anos	01	10
	Pública	08	80
	Privada	02	20
	TOTAL	10	100

Fonte: Dados da Pesquisa - Elaborado pelos autores.

A Tabela 02, apresenta as informações sobre a formação inicial dos participantes, tempo de profissão e atuação docente em faculdade/universidade pública ou privada. Sendo assim, em relação à formação inicial, percebe-se uma diversificação significativa,

considerando as variadas áreas de conhecimentos em que os participantes atuam. No que se refere ao tempo de profissão docente no Ensino Superior, percebe-se que majoritariamente, 70% dos participantes atuam de 07 a 12 anos, 10% atuam num intervalo de período entre 01 a 06 anos, 10% de 13 a 18 anos e 10% acima de 18 anos. Por fim, 80% dos participantes atuam em faculdade/universidade pública e apenas 20% em instituição privada.

3.2 INSTRUMENTO E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Foi aplicada uma pesquisa de levantamento, que de acordo com Fowler Jr. (2011, p. 7) consiste no “fato de perguntar a uma amostra de pessoas de uma população um conjunto de perguntas e usar as respostas para descrever tal população”. Tal levantamento foi realizado através de um questionário via *Google Forms* composto por 10 questões abertas, a fim de levantar de forma livre as representações dos participantes. Para Gil (2008) o questionário é uma técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado.

Destaca-se que o questionário foi enviado individualmente para assegurar o anonimato de cada um dos participantes e como forma de deixá-los com maior liberdade para expressar suas opiniões. A aplicação desse instrumento foi realizada via internet por meio do formulário *Google Forms*, em que os participantes podiam visualizar e responder o questionário a partir de qualquer computador com acesso à internet e inclusive de telefones celulares, por meio do link encaminhado pelo pesquisador.

No que se refere às questões éticas, o trabalho foi submetido à Plataforma Brasil, de acordo com a Resolução 510/16, direcionado ao Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos (CEP) do Instituto

de Biociências - Unesp/Campus de Rio Claro e foi aprovado em 12 de agosto de 2024, sob o número do parecer consubstanciado 7.001.367.

Cabe destacar que os dados foram coletados de 29 de agosto a 01 de outubro de 2024. Sendo que, todos os participantes convidados a responder ao questionário deram sua permissão e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), posteriormente a este procedimento, que eles responderam efetivamente o questionário. Ressalta-se que os participantes foram escolhidos de acordo com a rede de contatos dos pesquisadores nas mais diferentes faculdades/universidades do Brasil.

3.3 ANÁLISE DOS DADOS

As respostas das questões abertas foram analisadas e descritas qualitativamente, como forma de efetivamente mostrar como os participantes expressaram suas representações. Para tanto, o tratamento e análise dos dados recolhidos por meio da pesquisa de levantamento realizada através da aplicação do questionário, utilizou-se a técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2016), pois essa técnica permite explorar as avaliações, opiniões, julgamentos e as representações dos participantes a partir de suas percepções.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados foram tratados seguindo a perspectiva de análise de conteúdo de Bardin (2016), categorizados tematicamente de acordo com os objetivos da pesquisa e subdivididos em três categorias, sendo elas: 1) Entendimentos acerca do fenômeno homossexualidade e experiências da autodeclaração e da constituição da homossexualidade docente no ambiente acadêmico; 2) Representações

sobre vivências, relações sociais, preconceito e contribuições de professores/as homossexuais no contexto do ensino superior; e 3) Percepções sobre os desafios, estratégias de atuação docente e políticas de promoção da inclusão e respeito à diversidade sexual no ambiente do ensino superior.

4.1 ENTENDIMENTOS ACERCA DO FENÔMENO HOMOSSEXUALIDADE E EXPERIÊNCIAS DA AUTODECLARAÇÃO E DA CONSTITUIÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE DOCENTE NO AMBIENTE ACADÊMICO

Esta categoria de análise apresenta os entendimentos dos participantes quanto ao fenômeno homossexualidade e expõe as experiências quanto a autodeclaração e da constituição da homossexualidade docente no ambiente acadêmico. Em relação ao entendimento sobre o termo homossexualidade, percebe-se uma variedade de 23 palavras adjetivas ou substantivas que descrevem a homossexualidade. As palavras que mais se destacaram foram “Amor” e “Liberdade” citadas 3 vezes cada, bem como “Luta”, “Afetividade” e “Aceitação” foram mencionadas 2 vezes cada.

As palavras “Amor” e “Liberdade” destacadas na pesquisa, indicam que muitos veem o fenômeno da homossexualidade sob uma perspectiva positiva e essencial. O amor sugere que a homossexualidade é vista como uma expressão natural de afeto e conexão emocional entre pessoas do mesmo sexo. Já a liberdade remete à ideia de que cada indivíduo deve ter o direito de amar quem desejar, sem restrições ou preconceitos. Esses conceitos podem refletir uma busca por aceitação, respeito e igualdade, mostrando que o amor e a liberdade são fundamentais para a vivência plena da identidade sexual. Essa associação pode também indicar uma evolução na forma como a sociedade percebe a diversidade sexual,

ênfatisando a importância do amor e da liberdade como pilares de uma convivência harmoniosa.

Esses dois termos (Amor e Liberdade), relacionam-se com os resultados da pesquisa de Mattos (2017) e Costa (2021) que asseguram que a Constituição Federal Brasileira (CFB) de 1988 representou um grande avanço na consolidação de direitos fundamentais de toda a sociedade. Nesse sentido, o art. 1º inc. III da CFB pressupõe compromisso do Estado no que tange aos princípios da igualdade e da liberdade, já consagrados no preâmbulo da norma maior do ordenamento jurídico, ao conceder proteção a todos, vedar discriminação e preconceitos por razões de origem, raça, sexo ou idade, assegurando o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos. Além do mais, a sexualidade humana deve ser concebida como direito que decorre da própria condição humana, que tem como supedâneo a liberdade do indivíduo de se expressar e se relacionar sexualmente da maneira que quiser, sem ingerência por parte do Estado ou de qualquer pessoa (Costa, 2021).

Já em relação ao termo “Luta”, refere-se à histórica e contínua batalha por direitos, visibilidade e respeito enfrentada pela comunidade LGBTQIA+. Essa palavra sugere que, apesar dos avanços, ainda existem desafios significativos relacionados à discriminação e preconceito. Enquanto a palavra “Afetividade”, destaca a importância das relações emocionais e do amor, sublinhando que a homossexualidade é uma expressão legítima da afetividade humana. Isso mostra que, além da luta por direitos, existe um desejo de ser reconhecido nas suas dimensões mais íntimas e pessoais. E, por fim, a “Aceitação” que remete à necessidade de reconhecimento e respeito por parte da sociedade. A aceitação é um objetivo crucial, tanto no nível individual quanto coletivo, e está intimamente ligada à saúde mental e bem-estar da comunidade LGBTQIA+. A conexão dessas palavras, refletem um panorama de desafios e esperanças,

ressaltando a importância da luta por reconhecimento e respeito, a valorização das relações afetivas e a busca pela aceitação em um contexto social que muitas vezes ainda é hostil.

O posicionamento dos participantes da pesquisa sobre a declaração de professores/as homossexuais no ambiente acadêmico revela uma variedade de perspectivas, refletindo tanto os desafios quanto as oportunidades associadas a esse tema. Neste sentido, 7 (70%) participantes reconhecem que o preconceito ainda persiste, sugerindo que um/a professor/a que não se posicione claramente em relação ao respeito à diversidade pode enfrentar dificuldades. A luta contra o preconceito é vista como uma responsabilidade coletiva que inclui a criação de um ambiente acadêmico mais acolhedor.

De acordo com Pritchard (2016), a criação de um ambiente acadêmico acolhedor é uma responsabilidade compartilhada. Ele argumenta que instituições de ensino devem implementar políticas de inclusão que não apenas acolham, mas celebrem a diversidade, criando um espaço seguro para todos os/as alunos/as e professores/as. Pritchard (2016) ainda afirma que um ambiente inclusivo não apenas reduz o preconceito, mas também promove um clima de respeito e apoio, fundamental para o aprendizado. Em complemento, Freire (1996) enfatiza o papel da educação como uma ferramenta para a conscientização e transformação social. Ele sugere que a educação deve ser um ato de libertação, em que a diversidade é reconhecida e respeitada, e ainda argumenta que a prática educativa deve ser orientada pela promoção da liberdade, situação em que a diversidade é uma riqueza e não um obstáculo.

Tal posicionamento de visibilidade, está conectado com as formas de pensar de Vieira e Lage (2017), Rofes (2007), França (2016) e Costa (2021) quando defendem que a visibilidade do/a professor/a homossexual é crucial para a construção de sua identidade, portanto assumir-se no espaço escolar e na vida particular, é sim uma opção individual, porém benéfica para todos os sujeitos.

Por outro lado, há uma percepção significativa de 30% dos participantes, que a sexualidade de um/a professor/a não deve interferir em sua competência profissional, portanto o/a professor/a não precisa se assumir homossexual no seu ambiente de trabalho. Embora, de um modo geral, os relatos demonstrem uma postura mais voltada à igualdade, ao respeito, ao profissionalismo docente, tal posicionamento deixa claro que o/a professor/a até pode ser homossexual, porém não precisa declarar para a comunidade escolar. O que vai de encontro com a reflexão de Costa (2021), se tal professor/a é assumidamente homossexual, e é afeminado ou masculinizado, esse/a deverá se autorreprimir para atender aos anseios da norma heteronormativa? Essa reflexão é semelhante ao pensamento de Louro (2013) quando observa que o/a professor/a homossexual muitas vezes prefere o silêncio ao enfrentamento do preconceito. Entende-se que tal postura não nos remete ao discurso de igualdade e respeito, pregado pela maioria que foge do viés preconceituoso.

Ainda nesse contexto, 50% dos participantes argumentam que o que importa é a habilidade e o profissionalismo do educador, destacando que a condição e a orientação sexual não deve ser uma barreira para o processo de ensino e a aprendizagem, bem como para progressão acadêmica e profissional do/a professor/a.

Os resultados da pesquisa de Franco (2015) se assemelham à essa representação, em que o/a professor/a homossexual não deve revelar sua homo(sexualidade) com seus/as alunos/as e colegas e trabalho, justificando que eles/as devem saber separar sua vida profissional da sua vida sexual, caso contrário dá permissão e liberdade aos alunos/as e colegas de trabalho de fazerem brincadeiras de cunho preconceituoso. Compartilhamos com a maneira de pensar de Costa (2021) que na escola, o/a professor/a homossexual, não deve ser rotulado em decorrência de sua orientação sexual. E é importante ressaltar, conforme França (2016) assumir-se enquanto professor/a homossexual, no ambiente escolar, pode gerar um contínuo processo de negociação com o outro e consigo mesmo.

Destaca-se que 40% participantes ressaltam a importância da declaração como um ato político e pedagógico. Para esses indivíduos, a visibilidade de professores/as homossexuais pode servir de referência para alunos/as da comunidade LGBTQIA+, proporcionando um espaço de identificação e apoio. A ideia de que a declaração não deve ser forçada, mas sim um compartilhamento natural da vida do/a professor/a, também foi mencionada, enfatizando a importância do conforto e da autenticidade.

Ainda no que concerne à visibilidade do/a professor/a homossexual no ambiente acadêmico, acreditamos que seja uma decisão íntima, pois assumir-se homossexual na escola/faculdade/universidade, ou em qualquer outro espaço de convivência, não é uma decisão fácil. Tal forma de pensar, é semelhante aos posicionamentos de Lasser, Ryser e Price (2010), pois revelar sua identidade sexual no ambiente de trabalho é uma questão particular, considerando que essa decisão poderá trazer consequências negativas como: a homofobia, o estigma social e os estereótipos.

Adicionalmente, 80% participantes enfatizam a necessidade de um ambiente de respeito e abertura para discutir a homossexualidade, reconhecendo que o tabu ainda existe e que o diálogo é essencial para superá-lo. O engajamento social gerado pela declaração é considerado valioso, pois contribui para a luta pela equidade, pela visibilidade e sobretudo pela representatividade, fatores essenciais atualmente. Nesse contexto, segundo Miskolci (2010), o diálogo é fundamental para a desconstrução de tabus sociais. Ele afirma que a capacidade de discutir abertamente sobre sexualidade e diversidade sexual é um passo essencial para a desestigmatização e para a promoção de um ambiente de respeito. Essa abordagem enfatiza que o diálogo aberto pode ajudar a criar um espaço mais seguro para todos os indivíduos.

Em suma, tais entendimentos indicam que a decisão de se declarar como professor/a homossexual é uma questão complexa e

pessoal, que deve ser ponderada em relação ao contexto individual e institucional. Essa diversidade de opiniões demonstra a importância de criar um ambiente acadêmico inclusivo, em que a identidade sexual possa ser respeitada e discutida abertamente.

O compilado das respostas sobre as experiências de autodeclaração no ambiente acadêmico revela uma gama de vivências que refletem tanto desafios quanto benefícios associados à orientação sexual dos/as professores/as. Esses relatos oferecem uma visão rica sobre como a sexualidade pode impactar as interações no contexto do ensino superior.

No que se refere as experiências positivas de se autodeclarar dentro da instituição de ensino, vimos que 40% participantes mencionam que tal atitude os aproximaram mais dos/alunos, favorecendo um vínculo mais afetivo e de confiança. Ou seja, tal autodeclaração, foi vista como um sinal de confiança e cumplicidade, fortalecendo as relações interpessoais. A ideia de que os/as alunos/as se sentem mais à vontade e acolhidos quando os/as professores/as compartilham suas identidades é um aspecto fundamental dessa experiência. Essa perspectiva está alinhada com a ideia de que a visibilidade de professores/as LGBTQIA+ pode proporcionar um espaço seguro e acolhedor para alunos/as, como aponta Silva (2018), ao afirmar que a representatividade é importante para criar um ambiente em que todos se sintam à vontade para se expressar”.

Destacam-se os relatos de 20% participantes quando revelam que professores/as quando se assumem como parte da comunidade LGBTQIA+ percebem que seus alunos/as, especialmente os homossexuais, se sentem mais confortáveis em se abrir e discutir suas próprias experiências. Essa representatividade é fundamental para criar um ambiente em que a diversidade é celebrada. A declaração de orientação sexual foi percebida como um meio de engajar alunos em discussões importantes. Como observa Hooks (2015), a presença de educadores que se identificam como LGBTQIA+ não

só traz visibilidade, mas também encoraja discussões significativas sobre diversidade e inclusão.

Outra experiência positiva apontada por 20% participantes, foi sobre a convivência e o diálogo aberto, eles/as relatam que suas declarações geraram curiosidade e engajamento, permitindo conversas significativas que enriquecem o aprendizado, dando abertura para discutir temas relacionados à sexualidade, evidenciando uma vontade de aprender e compreender. Dessa forma, Freire (1996) ressalta que a educação deve ser um espaço de diálogo e reflexão, em que as identidades são discutidas de forma aberta e respeitosa.

A aceitação geral nos ambientes acadêmicos, conforme mencionado por 20% participantes, contribui para um clima positivo, situação em que os educadores se sentem valorizados e respeitados. A ausência de experiências negativas é um indicativo de que, em muitos casos, o ambiente acadêmico tem se mostrado acolhedor. Essa aceitação é essencial, conforme enfatiza Tatum (1997), que sugere que ambientes que promovem a diversidade são fundamentais para o bem-estar de todos os estudantes.

Por outro lado, no que tange às experiências negativas de se autodeclarar homossexual no ambiente acadêmico, foram apontados por 50% participantes a indiferença de colegas e alunos/as e comentários de cunho preconceituoso e discriminatório. Contudo, mesmo em ambientes aparentemente neutros, ainda existem comentários e piadas homofóbicas, que sinalizam que o preconceito persiste, criando um ambiente hostil. Isso ressoa com a afirmação de Miskolci (2010), que discute como o preconceito ainda se manifesta de formas sutis, mesmo em contextos em que a diversidade deveria ser valorizada, estimulada e principalmente praticada, como é o caso dos ambientes educacionais.

No entendimento de 40% dos participantes o ponto negativo dessa atitude de 'revelação' no ambiente de trabalho, são as

interações inadequadas, conforme exemplificado por um participante, tentativas de sedução inapropriada por parte de alunos/as, que utilizam a homossexualidade como uma forma de abordagem. Essa situação ressalta a necessidade de um espaço seguro em que a sexualidade não seja objeto de exploração. Além dos sentimentos de constrangimento e insegurança ao falar sobre sua orientação sexual, tanto dos professores/as quanto dos alunos/as. Esse aspecto evidencia que, apesar da aceitação, ainda existem barreiras emocionais que podem dificultar a discussão aberta. É importante também mencionar que 10% participantes destacaram que não vivenciaram nenhuma experiência nem positiva nem negativa ao se revelar homossexual na Universidade em que atuam.

Diante de todos esses apontamentos, depreende-se que as experiências de autodeclaração dos participantes no ambiente acadêmico revelam uma complexidade que abrange desde indiferença e preconceito até acolhimento e engajamento. Embora existam desafios, muitos educadores percebem a importância de sua visibilidade e do impacto positivo que ela pode ter sobre seus alunos/as. A luta pela inclusão e pela representatividade é, portanto, um caminho contínuo que envolve tanto a aceitação pessoal quanto a construção de um ambiente acadêmico mais respeitoso e acolhedor. A proximidade, a aceitação e a representatividade são contrabalançadas por indiferença, comentários preconceituosos e momentos de constrangimento. Essa dualidade destaca a importância de continuar promovendo diálogos abertos e respeitosos, que contribuam para um ambiente educacional verdadeiramente inclusivo e acolhedor para todos. A luta pela equidade e respeito à diversidade deve ser um esforço coletivo, visando transformar experiências individuais em avanços coletivos.

No que concerne ao reconhecimento e constituição da identidade de professores/as homossexuais, as respostas dos participantes da pesquisa, de uma forma geral, refletem uma rica tapeçaria de experiências e identidades que estão interligadas pela

interseccionalidade entre sexualidade e profissionalismo. Para articular essas respostas, nos baseamos em teorias contemporâneas que abordam a identidade, a performance social e o papel do/a professor/a na luta contra a discriminação.

Os depoimentos de 80% participantes, mostram um processo de autoaceitação e reconhecimento da sexualidade, que ressoa com a ideia de Borges (2001) sobre a formação da identidade. A busca por excelência profissional, mencionada por 30% participantes, é um reflexo do que Goffman (2009) descreve em “A Apresentação do Eu na Vida Cotidiana”, em que a performance social é moldada por normas de aceitação e visibilidade. Esses professores parecem estar cientes de que, para serem reconhecidos, precisam não apenas se afirmar como homossexuais, mas também se destacar em suas práticas pedagógicas.

40% dos participantes enfatizam a capacidade de separar a vida pessoal da profissional, o que é uma questão debatida na literatura sobre identidade e profissionalismo. Nessa direção, Goffman (2009) também sugere que as pessoas atuam em diferentes “palcos” sociais. Sendo assim, os/as professores/as parecem buscar um equilíbrio, no sentido em que sua sexualidade não ofusque suas competências como profissionais. Essa separação pode ser vista como uma estratégia de resistência e adaptação em um ambiente que, em muitos casos, ainda é permeado por preconceitos.

Na perspectiva de 30% participantes, os/as professores/as se veem como agentes de mudança, com um papel importante na luta contra a homofobia e outras formas de discriminação. Essa função de educador-ativista é apoiada por Foucault (2015), que discute como o conhecimento e o poder estão interligados. A afirmação de que o combate à homofobia pode abrir caminhos para a luta contra outras formas de preconceito se alinha com a perspectiva de Butler (2018), que argumenta sobre a performatividade de gênero e como as normas sociais podem ser desafiadas.

A ausência de professores/as homossexuais visíveis durante a formação acadêmica de 20% participantes, ressaltam a importância da representatividade. A ideia de que é fundamental que professores/as homossexuais ocupem espaços tradicionalmente interditados, se conecta com os estudos de Hooks (2015) que defende que a educação deve ser um espaço de resistência e transformação. A visibilidade dos professores homossexuais é crucial não apenas para a autoafirmação, mas também para a construção de um ambiente educacional mais inclusivo.

Diante disso, as experiências narradas pelos participantes refletem uma complexa intersecção entre identidade, profissionalismo e ativismo. A busca por excelência acadêmica e a luta contra preconceitos formam um arcabouço que não apenas enriquece a prática pedagógica, mas também contribui para um ambiente escolar mais inclusivo. Ao articular essas vozes com teorias contemporâneas, percebemos que a jornada de reconhecimento e aceitação não é apenas individual, mas coletiva, impactando toda a comunidade educacional.

4.2 REPRESENTAÇÕES SOBRE VIVÊNCIAS, RELAÇÕES SOCIAIS, PRECONCEITOS E CONTRIBUIÇÕES DE PROFESSORES/AS HOMOSSEXUAIS NO CONTEXTO DO ENSINO SUPERIOR

Esta categoria de análise exterioriza as representações sobre as vivências, relações sociais, preconceito e contribuições de professores/as homossexuais no contexto do ensino superior. Dessa forma, no que se refere as vivências e as relações sociais, verificamos que as representações coletadas refletem um panorama significativo sobre as vivências de professores/as homossexuais no ambiente acadêmico, revelando tanto as dinâmicas de interação quanto as implicações de identidade e diversidade nesse contexto. A análise dos relatos apresentados sugere que, de maneira geral, as relações

interpessoais na faculdade/universidade são caracterizadas por respeito e profissionalismo, com um reconhecimento crescente da importância da diversidade e da inclusão.

Salienta-se que 40% dos depoentes expressam a ideia de que o ambiente acadêmico, apesar de sua competitividade, ainda é um espaço em que a maioria dos colegas não discrimina ou marginaliza a identidade sexual. Isso corrobora com as discussões de Puar (2007), que enfatiza a necessidade de desnaturalizar as normas heteronormativas e reconhecer a diversidade sexual como parte integrante do tecido social. Destaca-se que um/a professor/a afirmou não ter sentido “coação ou ser vítima de homofobia”, além do mais exemplifica essa quebra de estigmas, indicando uma aceitação que possibilita um ambiente de trabalho mais saudável.

Por outro lado, a menção de 20% participantes no que concerne ao caráter “neutro” ou “mediano” das relações, também revela uma tensão inerente à dinâmica do ensino superior, em que o foco na performance acadêmica pode eclipsar o aspecto mais humano das interações. Nesse sentido, Collins (2000) discute a importância da interseccionalidade para entender como diferentes identidades sociais interagem em contextos de poder e privilégio. A competição acadêmica, embora reconhecida, não deve servir de desculpa para a falta de empatia e solidariedade.

Ademais, a abordagem aberta e tranquila em relação à sexualidade, conforme descrito por 60% participantes, está alinhada com a proposta de promoção de um diálogo sobre diversidade. Segundo Hooks (2015), a educação deve ser um espaço de libertação e acolhimento, em que todos se sintam encorajados a expressar suas identidades. Essa perspectiva é fundamental para que educadores promovam um ambiente de aprendizagem que valorize a autenticidade e a troca de experiências, conforme mencionado por um dos depoentes que ressaltou a importância do “constante intercâmbio de experiências”.

Por fim, as relações sociais na academia, quando permeadas por respeito e empatia, não só favorecem a inclusão de professores/as homossexuais, mas também beneficiam a formação de alunos/as mais conscientes e sensíveis às questões de diversidade. Como afirma Tatum (1997), ambientes que promovem a diversidade são cruciais para a formação integral dos alunos/as, capacitando-os/as a serem cidadãos mais críticos e engajados socialmente.

As representações coletadas sobre as experiências de preconceito e discriminação enfrentadas por professores/as homossexuais no ensino superior sinalizam um panorama complexo e multifacetado. Essas experiências não apenas refletem as dinâmicas sociais mais amplas, mas também destacam as lacunas na promoção de ambientes acadêmicos verdadeiramente inclusivos.

Um ponto central mencionado por 20% participantes, é a moralidade imposta por normas sociais, religiosas e culturais, que frequentemente marginalizam a diversidade. Essa perspectiva se alinha com a análise de Foucault (2014), que discute como os discursos de normalidade e moralidade influenciam as relações de poder e controle nas instituições sociais. A resistência a essas normas é fundamental para a promoção de um ambiente acadêmico mais acolhedor.

A afirmação apresentada por 20% participantes, de que a mudança deve começar com a confiança e a autoaceitação dos/as professores/as homossexuais ecoa a noção de resistência de Collins (2000). Segundo a autora, a autoafirmação e a construção de comunidades de apoio são essenciais para desafiar estruturas opressivas. Isso sugere que a luta contra o preconceito não deve ser apenas uma responsabilidade individual, mas um esforço coletivo que envolve a comunidade acadêmica como um todo.

Outro aspecto importante abordado por 20% participantes, é a percepção de que a discriminação é mais prevalente em áreas tradicionalmente masculinas, como as ciências exatas. Isso se relaciona

com a ideia de que diferentes campos do conhecimento estão imbuídos de normas e valores culturais distintos, conforme discutido por Bourdieu (1998). A fragmentação do conhecimento e a resistência a práticas inclusivas podem limitar as oportunidades de aceitação e respeito à diversidade em determinadas áreas.

A análise crítica das políticas institucionais também é um ponto recorrente nas respostas de 30% participantes. A postura de “neutralidade” ou “pacificidade” adotada por algumas instituições muitas vezes perpetua a exclusão e o silenciamento das vozes LGBTQIA+. Essa crítica é consistente com as reflexões de Hooks (2015), que argumenta que a verdadeira inclusão requer ações ativas e não meramente reativas. Para que um ambiente acadêmico seja realmente plural e inclusivo, é fundamental que haja um compromisso claro com a diversidade e a igualdade, manifestado em políticas e práticas efetivas.

Ademais, a manifestação do preconceito, que pode variar de microagressões a discriminações mais explícitas, impacta não apenas o bem-estar pessoal dos docentes, mas também limita o potencial transformador que eles/as podem ter na formação de seus/as alunos/as. Essa limitação é reforçada por Puar (2007), que observa como as normas heteronormativas ainda dominam o espaço acadêmico, impedindo que identidades diversas sejam plenamente reconhecidas e valorizadas.

A luta contra o preconceito, conforme destacado por 30% participantes, é vista como um processo contínuo que requer conscientização e ações educativas. A promoção de um ambiente seguro e respeitoso é vital para que professores/as homossexuais possam se apresentar como agentes de mudança, oferecendo representatividade e apoio aos/as alunos/as LGBTQIA+. O papel do docente, portanto, se estende além da sala de aula e se insere na luta por um ambiente acadêmico mais justo e equitativo.

Diante dessas representações acerca do preconceito e discriminação enfrentados por professores/as homossexuais no ensino superior, revelam a necessidade de um compromisso institucional robusto com a diversidade. A superação dessas barreiras não é apenas uma questão de justiça social, mas uma condição necessária para a construção de uma educação mais inclusiva e transformadora.

Em relação as representações dos participantes sobre as contribuições significativas de suas atuações docentes enquanto professores/as homossexuais, junto aos seus/as alunos/as, colegas e gestores no ambiente do ensino superior, detectamos que a partir das experiências compartilhadas por 90% participantes, é possível identificar uma série de práticas pedagógicas e iniciativas que promovem a inclusão, a empatia e a conscientização sobre diversidade.

Em primeiro lugar, de acordo com 10% participantes a transformação da organização hierárquica vertical para um modelo mais horizontal é uma contribuição fundamental que pode ser relacionada ao conceito de pedagogia crítica. Nessa direção, segundo Freire (1996), a educação deve ser um ato de liberdade e conscientização, em que o educador e o educando dialogam e constroem conhecimento. Essa abordagem permite que os/as alunos/as se sintam valorizados e respeitados em suas identidades, favorecendo um ambiente de aprendizado mais inclusivo.

Além disso, 20% participantes enfatizam acerca da realização de palestras e capacitações para a comunidade, enfatizando o papel do/a professor/a como agente de transformação social. Essa ideia é corroborada por Nussbaum (2011), que argumenta que a educação deve promover a empatia e a solidariedade, preparando os/as alunos/as para serem cidadãos críticos e engajados. A oferta de eventos que abordam temas inclusivos contribui para uma cultura de respeito e diversidade.

Outro aspecto relevante apontado por 30% participantes é a ênfase na pesquisa e na publicação de trabalhos acadêmicos. Essa

prática não apenas eleva o perfil da instituição, mas também serve como um modelo de engajamento acadêmico para os/as alunos/as. Como destaca Bourdieu (1998), o capital cultural acumulado por meio da produção acadêmica fortalece a posição dos indivíduos no espaço social e acadêmico, beneficiando tanto os educadores quanto os estudantes.

Na concepção de 20% participantes, as iniciativas de extensão e o contato com a comunidade e as empresas, como as visitas técnicas, também refletem uma prática pedagógica que valoriza a aprendizagem prática e a responsabilidade social. Conforme argumenta Giddens (2001), a educação deve ser orientada para o desenvolvimento de habilidades críticas e sociais que capacitem os/as alunos/as a enfrentarem os desafios contemporâneos. Essas experiências práticas não só enriquecem o aprendizado, mas também fomentam uma consciência crítica em relação às questões sociais.

A promoção de um ambiente seguro para o diálogo e a troca de experiências, como mencionado por 20% participantes, é crucial para a construção de uma comunidade acadêmica inclusiva. Essa perspectiva é reforçada por Hooks (2015), que enfatiza a importância de criar espaços em que a diversidade de vozes e experiências seja reconhecida e valorizada.

Por último, o foco em valores como empatia, respeito e responsabilidade social é um tema recorrente nas contribuições de 30% professores/as participantes. A prática de apresentar-se autenticamente, sem medo de expressar sua identidade, serve como um exemplo poderoso para os/as alunos/as, alinhando-se com a ideia de que a educação deve promover a aceitação e o respeito às diferenças (Tatum, 1997).

Todas essas representações sobre as contribuições dos professores/as homossexuais no ensino superior são multifacetadas e refletem um compromisso com a inclusão, a transformação social e

a formação integral dos/as alunos/as. Ao integrar discussões sobre justiça social e diversidade em suas práticas pedagógicas, esses/as educadores/as não apenas enriquecem o ambiente acadêmico, mas também preparam seus/as alunos/as para serem cidadãos mais críticos e empáticos.

4.3 PERCEPÇÕES SOBRE OS DESAFIOS, ESTRATÉGIAS DE ATUAÇÃO DOCENTE E POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA INCLUSÃO E RESPEITO À DIVERSIDADE SEXUAL NO AMBIENTE DO ENSINO SUPERIOR

A presente categoria de análise expõe as representações sobre os principais desafios enfrentados pelos/as professores/as homossexuais, suas estratégias de atuação docente, bem como as políticas de promoção a inclusão e respeito à diversidade sexual no ambiente do ensino superior.

No tocante aos principais desafios enfrentados pelos/as professores/as homossexuais em suas respectivas atuações docentes no ensino superior, as respostas obtidas pelos participantes, revelam uma variedade de desafios enfrentados cotidianamente por esses/as profissionais, que vão além da orientação sexual e refletem questões estruturais e culturais dentro das instituições acadêmicas. Embora 40% participantes relatem uma experiência de aceitação crescente em relação à sua sexualidade, outros 30% participantes evidenciam a persistência de desafios significativos que impactam sua atuação.

Um dos pontos levantados por 30% participantes, é a dificuldade em se sentir valorizado profissionalmente, apesar do contínuo investimento em formação acadêmica. Essa situação pode ser analisada à luz das ideias de Bourdieu (1998), que discute como o capital cultural, acumulado através da educação e formação, nem sempre é reconhecido nas instituições, resultando

em desmotivação e desvalorização dos profissionais. Essa desarticulação entre a qualificação do docente e a valorização institucional é um desafio que afeta diretamente a qualidade do ensino e o clima organizacional.

Outro aspecto importante mencionado por 20% participantes, é a contradição entre o discurso institucional de apoio à diversidade e as práticas efetivas dentro da gestão. Essa problemática está alinhada com a análise de Silva (2017), que aponta como a falta de ações concretas em prol da diversidade e inclusão gera frustração e desconfiança entre a comunidade acadêmica. Quando os discursos de aceitação não são acompanhados de medidas práticas, a sensação de inclusão torna-se superficial e ineficaz, comprometendo a construção de um ambiente verdadeiramente acolhedor.

Além disso, 20% participantes salientam sobre as dificuldades de interações com alunos/as de gerações diferentes, fator esse que pode gerar estranhamentos e obstáculos na comunicação. Essa questão é discutida por Giddens (2001), que aponta como as mudanças sociais e culturais impactam as dinâmicas nas instituições de ensino. A diferença geracional pode criar barreiras na relação professor-aluno, dificultando a construção de um ambiente de aprendizado colaborativo.

Apesar de algumas experiências positivas relatadas, como a percepção de maior aceitação da comunidade LGBTQIA+ na docência, ainda há a presença de preconceitos e piadas que perpetuam a homofobia. Essa realidade é abordada por Puar (2007), que analisa como as normas heteronormativas ainda influenciam a vida acadêmica e a necessidade de confrontar essas práticas para promover um espaço mais inclusivo. A resposta à homofobia e a promoção de um ambiente seguro são fundamentais para a formação de todos os estudantes.

Outro desafio relevante, apontado por 20% participantes, se refere a sobrecarga de trabalho, que pode ser observado no contexto das exigências acadêmicas contemporâneas. Conforme aponta

Tatum (1997), a pressão por desempenho e a multiplicidade de responsabilidades podem impactar a saúde mental e a qualidade de vida dos docentes, comprometendo sua capacidade de se engajar plenamente na formação de seus/as alunos/as.

Assim, depreende-se que essas representações compartilhadas pelos professores/as homossexuais evidenciam a complexidade das relações dentro do ensino superior, em que questões de valorização profissional, gestão da diversidade, diferenças geracionais e sobrecarga de trabalho se entrelaçam. Para promover um ambiente mais inclusivo e acolhedor, é fundamental que as instituições de ensino superior adotem ações concretas que reflitam seus discursos de apoio à diversidade.

Quanto as estratégias de atuação docente no cotidiano do ensino superior, a fim de se proteger/conquistar/demonstrar sua confiança e profissionalismo enquanto professor/a autodeclarado/a homossexual no ambiente acadêmico, as representações dos participantes revelam uma série de estratégias que professores/as homossexuais adotam para afirmar sua identidade, promover um ambiente inclusivo e garantir sua atuação profissional no ensino superior. Essas estratégias estão interligadas com discussões contemporâneas sobre diversidade, respeito e profissionalismo na academia.

Uma das estratégias destacadas por 30% participantes, é a promoção de um ambiente de respeito e empatia. O reconhecimento da subjetividade de cada aluno/a, mencionado por 20% participantes, se alinha com os princípios da pedagogia crítica defendida por Freire (1996). A escuta ativa e o tratamento individualizado dos/as alunos/as são fundamentais para a construção de um espaço de aprendizado inclusivo, em que todos se sintam valorizados e respeitados em suas identidades.

A questão da naturalidade na apresentação da orientação sexual também é um ponto importante, conforme mencionado por

30% participantes. A afirmação de que não se deve ter vergonha da própria identidade reflete a ideia de que a diversidade deve ser tratada de maneira normalizada. Tal representação se articula com o pensamento de Puar (2007) quando enfatiza que a despatologização da homossexualidade é um passo crucial para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Ao compartilhar suas experiências de vida e discutir questões LGBTQIA+, os/as professores/as ajudam a dismantelar estigmas e promovem um diálogo saudável sobre diversidade.

Além disso, a ênfase na profissionalização e na constante atualização acadêmica, mencionada por 50% participantes, está alinhada com a visão de Giddens (2001), que ressalta a importância de um conhecimento contínuo no campo educacional. O comprometimento com a excelência acadêmica não só reforça a credibilidade do/a professor/a, mas também serve como exemplo para os/as alunos/as, mostrando que a busca por conhecimento é fundamental para o desenvolvimento profissional.

O fato de 20% participantes alegarem não se posicionarem como vítimas, mas sim como profissionais competentes, está em consonância com as discussões de Collins (2000) sobre a importância da agência individual e da resistência em face da opressão. Essa postura não só fortalece a autoestima do docente, mas também contribui para a construção de um ambiente em que o respeito é uma via de mão dupla.

A criação de alianças com colegas também é uma estratégia relevante, apontado por 20% participantes. Essa colaboração pode ser vista como um meio de fortalecer a rede de apoio no ambiente acadêmico, como discutido por Tatum (1997), que destaca a importância do suporte comunitário para promover mudanças significativas nas instituições. A união de forças entre docentes pode resultar em um espaço mais acolhedor e diversificado.

A abordagem de tratar a homossexualidade como um aspecto da vida do/a professor/a, sem deixá-la definir sua identidade profissional, reflete um entendimento de que a diversidade é parte integrante da sociedade contemporânea. Esse entendimento é reforçado por Nussbaum (2011), que argumenta que a educação deve ser um espaço de pluralidade, em que a diversidade é celebrada e respeitada.

Portanto, as estratégias de atuação docente dos/as professores/as homossexuais no ensino superior são multifacetadas e refletem um compromisso com a inclusão, a profissionalização e o respeito à diversidade. Ao adotarem essas práticas, esses/as educadores/as não apenas fortalecem sua própria identidade, mas também contribuem para um ambiente acadêmico mais acolhedor e justo.

No que se refere ao que a Instituição de Ensino Superior tem feito em relação as políticas de inclusão e respeito à diversidade de professores/as homossexuais no ambiente acadêmico, verificamos que as representações coletadas são diversificadas dentro de um cenário multifacetado, que abrange desde iniciativas positivas até críticas contundentes sobre a insuficiência dessas ações.

Um ponto destacado por 20% participantes, foi a implementação de capacitações, campanhas e projetos de extensão, como o “Coletivo Prisma”, que visam promover o respeito e acolhimento aos estudantes e docentes LGBTQIA+. Essas ações são consistentes com a argumentação de De Oliveira (2016), que enfatiza a importância de políticas institucionais ativas para a promoção da inclusão e diversidade no ambiente acadêmico. A autora ressalta que iniciativas que buscam não apenas reconhecer, mas também valorizar a diversidade, são fundamentais para a construção de um espaço educacional mais justo e acolhedor.

Contudo, a percepção de que essas ações são ainda tímidas ou insuficientes é uma crítica recorrente. Nesse sentido, 50%

participantes mencionaram a necessidade de um comprometimento mais robusto das instituições, refletindo a análise de Foucault (2014), que discute como estruturas de poder muitas vezes perpetuam normas hegemônicas. Nesse contexto, a “neutralidade” ou o discurso de “pacificidade” por parte das instituições pode, na verdade, servir para silenciar vozes e experiências diversas, tornando-se uma forma de opressão sutil.

Além disso, o fato de que 60% participantes relataram um ambiente acolhedor e respeitoso, mas ainda assim enfatizaram a falta de ações concretas para inclusão, sugere uma contradição entre o discurso institucional e a realidade vivenciada. Essa discrepância é abordada por Hooks (2015), que argumenta que a verdadeira inclusão não pode ser apenas uma questão de retórica, mas deve se manifestar em práticas concretas que desafiem a marginalização.

Outro aspecto importante abordado por 20% participantes, foi a resistência institucional em enfrentar diretamente as questões de diversidade e inclusão, o que pode criar um ambiente em que a homossexualidade é vista como algo indesejável. Essa perspectiva é corroborada por Puar (2007), que discute como normas heteronormativas ainda dominam o espaço acadêmico, gerando um ambiente hostil para identidades não normativas. A falta de apoio claro e políticas inclusivas efetivas não apenas perpetua a invisibilidade, mas também limita o potencial transformador que a diversidade pode oferecer ao ambiente acadêmico.

Diante dessas reflexões, torna-se evidente que, embora haja iniciativas positivas em algumas instituições, ainda é necessário um esforço contínuo e deliberado para que a inclusão e o respeito à diversidade se tornem uma realidade concreta e não apenas uma meta discursiva. O combate à discriminação e a promoção de um ambiente verdadeiramente inclusivo demandam ações coletivas que desafiem as estruturas tradicionais e promovam um espaço acadêmico plural e acolhedor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo investigar as representações de professores/as homossexuais no ensino superior, destacando os desafios, experiências, contribuições e estratégias de atuação docente a partir das vozes de um grupo de dez educadores auto-declarados homossexuais. As análises realizadas evidenciam que, embora haja um ambiente de crescente aceitação e reconhecimento da diversidade, persistem desafios significativos que afetam a vida profissional e pessoal desses docentes.

Os desafios identificados incluem não apenas o preconceito e a discriminação, mas também a necessidade de um contínuo aprimoramento profissional em um contexto que muitas vezes ignora ou marginaliza as identidades LGBTQIA+. Esses desafios são exacerbados pela falta de políticas institucionais efetivas que garantam a inclusão e o respeito à diversidade, o que limita as oportunidades de um ambiente acadêmico verdadeiramente acolhedor e plural.

As experiências compartilhadas pelos participantes revelam ricas vivências que contribuem para a formação de uma pedagogia inclusiva, mostrando como a autenticidade e o engajamento pessoal podem servir como ferramentas poderosas para a transformação do ambiente acadêmico. Os docentes relatam uma clara disposição para discutir temas relacionados à diversidade, promovendo diálogos que não apenas enriquecem suas práticas, mas também incentivam a formação de estudantes mais críticos e empáticos.

As estratégias de atuação docente apontadas pelos participantes, como a promoção de um ambiente de respeito e empatia, bem como a busca por capacitações e formações continuadas, demonstram um comprometimento com a educação que vai além das exigências acadêmicas. Por meio dessas estratégias, os docentes não apenas afirmam suas identidades, mas também promovem

uma cultura de respeito e inclusão que pode beneficiar toda a comunidade acadêmica.

Por fim, este estudo destaca a urgência de que instituições de ensino superior implementem políticas mais robustas e efetivas que reconheçam e valorizem a diversidade sexual. A construção de um ambiente educacional inclusivo não é apenas uma questão de justiça social, mas também uma condição essencial para a formação integral de cidadãos críticos e conscientes. As contribuições dos professores/as homossexuais, longe de serem meramente pessoais, constituem um importante patrimônio que pode enriquecer a educação superior, promovendo um espaço em que a diversidade não apenas é respeitada, mas celebrada.

Esse trabalho abre caminhos para futuras pesquisas que possam explorar mais profundamente as interseções entre sexualidade, identidade profissional e práticas pedagógicas, assim como o impacto das políticas institucionais na vivência de professores/as LGBTQIA+ nas faculdades/universidades públicas e privadas.

REFERÊNCIAS

- ABGLT, Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Secretaria de Educação. **Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015**: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: ABGLT, 2016. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2018/07/IAE-Brasil-Web-3-1.pdf>. Acesso em 12 fev 2024.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo. Edições 70, 2016.
- BIAZUS, P. H. S.; BRANCHER, V. R. DOCENTES LGBTI+: o que tem abordado as pesquisas contemporâneas? **Diversidade e Educação**, v. 7, n. 1, 2019, p. 303 – 320.
- BORGES, Jorge Luis. **Ficciones**. 2. Ed. Buenos Aires: Lousada, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Brasília, 1988. Disponível em <http://pactoensinomedio.mec.gov.br/images/pdf/constituicao_educacao.pdf>. Acesso em 03 out. 2024.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: sobre os limites materiais e discursivos do sexo. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2018.

COLLINS, Patricia Hill. **Black Feminist Thought**: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Wmpowerment. New York: Routledge, 2000.

COSTA, Elvio Carlos da; OSTI, Andréia. Percepções de Professores sobre promover discussões do tema homossexualidade no ambiente escolar. **Revista Plures Humanidades**. Volume 21, n. 2, 2020, p. 179 – 197. Disponível em <https://http://seer.mouralacerda.edu.br/index.php/plures>. Acesso em 12 fev 2024.

COSTA, Elvio Carlos da. **Representações sobre Homossexualidade docente no ambiente escolar das Escolas Técnicas Estaduais**. Rio Claro, 2021. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista (UNESP). Instituto de Biociência, Rio Claro, 313 p., 2021.

COSTA, Elvio Carlos da; OSTI, Andréia. Concepções acerca da homossexualidade: representações de professores da educação profissional. **Revista Rios Eletrônica (FASETE)**. Volume 15, n. 30, 2021, p. 385-410. Disponível em <https://www.publicacoes.unirios.edu.br/index.php/revistarios/article/view/77/77>. Acesso em 12 fev. 2024.

COSTA, Elvio Carlos da; OSTI, Andréia. Representações sobre homossexualidade docente no ambiente escolar. In. NEGREIROS, Fauston; ALEXANDRINO, Ronaldo. **Psicologia Escolar e Educacional & População LGBTQIA+**. Editora: Alínea, volume 1, Campinas, 2023, p. 119 – 140.

D'AVILA, Isabella Campos Freitas. **Narrativas de docentes LGBTI+ no ensino superior**: uma análise das repercussões da cisheteronormatividade nas identidades. Belo Horizonte, 2022. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, 157 p., 2022.

DE OLIVEIRA, Ana Paula. **Diversidade e Inclusão na Educação Superior**: desafios e possibilidades. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

ELLIOT, J. E. Carrer development with lesbian and gay clientes, **The carrer Development Quarterly**, 41(3), 2003, p. 210 - 226.

FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade: Vol. I - A Vontade de Saber**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 45. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

FOWLER JR., F. J. **Pesquisa de Levantamento**. Tradução: Rafael Padilha Ferreira; Revisão técnica: Dirceu da Silva. Porto Alegre: Penso, 2011, 232 p.

FRANÇA. Filipe Gabriel Ribeiro. Sou gay, sou alegre, mas não sou bagunça!: docência, homossexualidade e estética da existência. **Educação**. Santa Maria. v. 41, n. 2. Maio/ago, 2016, p. 425 – 434.

FRANCO, Neil.; CICILLINI, Graça Aparecida. Professoras trans brasileiras em seu processo de escolarização. **Estudos Feministas**. 2015, p. 325 – 346.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

GOFFMAN, Erving. **A apresentação do eu na vida cotidiana**. 20. Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.

GONÇALVES, Marllon Caceres; GONÇALVES, Josiane Peres. PROFESSOR E GAY: relações da presença homossexual no espaço escolar. **Cadernos de Gênero e Diversidade**. Volume 08, n. 4, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2022, p. 01 – 23. Disponível em <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/49250>. Acesso em 14 fev 2024.

HOOKS, Bell. **Ensinar a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Trad. De Renato N. Gomes. São Paulo: Editora Pergunta, 2015.

JODELET, Denise. Representações Sociais: um domínio em expansão. *In*: JODELET, Denise. (org.) **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EduERJ, 2001, p. 17-41.

LASSER, J.; RYSER, G. & PRICE, L. Development of a Lesbian, Gay, Bisexual Visibility Management Scale. **Journal of Homosexuality**, 57 (3), 2010, p. 415-428.

LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, Gênero e Sexualidade**. 9. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 4. ed. Belo Horizonte: ed. Autentica, 2019.

MARSHALL, M. C. Docentes Abriendo las Puertas del Clóset: Narrativas de Resistencias y Apropiaciones a la Heteronormatividad en Profesores Homosexuales. **Revista Latinoamericana de Educación Inclusiva**, v. 12, n. 1, p. 57-78, 2018. Disponível em: https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S071873782018000100057&lng=es&nrm=iso. Acesso em 13 fev 2024.

MATTOS, Fernando Silva. **Direito à igualdade e à dignidade dos homossexuais no Brasil**: uma análise panorâmica da jurisprudência, 2017. Disponível em: <<http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/artigoMattos.pdf>>. Acesso em 03 out. 2024.

MISKOLCI, Richard. Discreto e fora de meio. Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 44, janeiro-junho, 2014, pp. 61-90.

MISKOLCI, Richard. **A invenção da homossexualidade**. 3. ed. São Paulo: Boitempo, 2010.

MOLINA, Luana Pagano Peres. Professores homossexuais: suas vivências frente à comunidade escolar. **Caderno de Gênero e Tecnologia**. Número 25/26 – janeiro a junho, 2013, p. 49-67.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MOTT, Luiz. **Professor Gay**: desafios e Conquistas. 2011. Disponível em:<<https://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2011/05/17/445151/professor-gay-desafios-e-conquistas.html/>>. Acesso em 04 jan. 2024.

NUSSBAUM, Martha. **Not for Profit**: Why Democracy Needs the Humanities. Princeton: Princeton University Press, 2011.

OLIVEIRA, M. R. DE. **ANGÚSTIA E COLONIALIDADE DO SER**: percepção sobre LGBTI+fobia em estudantes de Licenciatura em Pedagogia e em Física do Campus Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco. Caruaru, Universidade Federal de Pernambuco, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/31968/1/DISSERTA%c3%87%c3%830%20M%c3%a1rcio%20Rubens%20de%20oliveira.pdf>. Acesso em 13 fev 2024.

PRITCHARD, R. **Creating Inclusive College Classrooms: A Guide for Faculty**. 2. ed. New York: Routledge, 2016.

PUAR, Jasbir K. **Terrorist Assemblages: Homonationalism in Queer Times**. Durham: Duke University Press, 2007.

RAMOS, Joaquim. **Um estudo sobre os professores homens na Educação Infantil e as relações de gênero na rede Municipal de Belo Horizonte – MG**. 2011. Dissertação (mestrado em educação), Universidade Pontifícia Católica de Minas Gerais – PUC-MG, 2011.

ROFES, Eric. Transgressão e corpo localizado: gênero, sexo e o professor homossexual. In: Talburg, Susan; Steinberg, Shirley R. **Pensar queer: sexualidade, cultura, e educação**, Mangualde: Edições Pedagogo 2007.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández.; LUCIO, Pilar Baptista. B. **Metodologia da pesquisa**. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SANTANA, Déborah Alves de. E quando o estranho é o professor? Estratégia identitária dos docentes homossexuais no ambiente de trabalho. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 e 13 th Women´s Worlds Congress**, Florianópolis, 2017.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas – SP. v. 28. Dossiê Sexualidades Disparatadas, 2007, p. 19–54.

SEIDMAN, Steven. **Beyond the closet: The transformation of gay and lesbian life**. New York: Routledge, 2002.

SILVA, L. F. Políticas de Diversidade nas Instituições de Ensino Superior: entre o discurso e a prática. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 69, p. 235-252, 2017.

SILVA, J. A. **Ambientes Educacionais Inclusivos: práticas e reflexões**. São Paulo: Editora XYZ, 2018.

TATUM, Beverly Daniel. **Why are all the black kids sitting together in the cafeteria? And Other conversations about race**. New York: Basic Books, 1997.

UNESCO. **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Rogério Diniz Junqueira (org). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

VIEIRA, Rafael Lima.; LAGE, Allene Carvalho. O gênero em disputa: ausências e presenças da demanda LGBT na escola. **Inter-ação**, Goiânia, v. 42, n.3, 2017, p. 590–607.

Elvio Carlos da Costa

Pós-doutorando em Educação pela Unesp – Campus de Rio Claro – SP; Doutor em Educação pela Unesp -Campus de Rio Claro – SP. Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara.

E-mail: elvio.costa@fatec.sp.gov.br

Andréia Osti

Professora Livre Docente e credenciada no programa de Pós-Graduação em Educação da Unesp de Rio Claro. Doutora e Mestre em Educação.

E-mail: andrea.osti@unesp.br